

# A Boquet à Angeja

(SEMANARIO)

## CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 12500, 8 mezes 12000, 4 mezes 500, Br.  
al 32000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs.  
Passado o dia 40 reis.

## REDACÇÃO

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO

## ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo  
do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por  
cento de abatimento.

## SUMMARIO

Angeja (sua descripção) — N. e S.  
O escriptor Francisco Travassos Valdez — S.  
Noticiario.

## Secção litteraria:

A umas mãos pequeninas (poesia) — Gomes  
Leal.  
Rolinda — A. Leão Martins.  
Janeiro (poesia) — Jayme de Sequier.  
No Album — Alexandre Herculano.  
Mini (poesia) — Gonçalves Crespo.  
No Album da Senhorita Aurora de... (poesia) —  
Fernando Caldeira.  
A lagrima (poesia) — Ernesto Pires.  
Trova e luz (poesia) — Vidal Oudinot.  
Triolets — Almeida Pinto.  
Horas vagas — Narciso d'Abuquerque.  
Le chef d'oeuvre de Dieu (poesia) — Jean Ra-  
meau.

ANGEJA, 13 DE JULHO DE 1887

## ANGEJA

(SUA DESCRIPÇÃO)

Freguezia de 750 fogos com 2243  
almas actualmente (1887).

Os seus habitantes são, na sua  
quasi totalidade lavradores activos,  
intelligentes, emprehendedores, e  
muito laboriosos.

Entre elles ha sete dos quarenta  
maiores contribuintes prediaes do  
concelho.

Está situada na margem direita  
do Vouga, dez kilometros ao nascente  
d'Aveiro.

A povoação conta dez ruas, per-  
feitamente regulares, muito espaço-  
sas e todas macmadisadas.

A sua Igreja matriz, construida  
em 20 annos (desde 1593 a 1613 em  
que foi aberta ao culto publico) é  
um templo de tres naves, bastante  
elevado, elegante e muito espaçoso.

A superficie do seu terreno me-  
de approximadamente 31 hetares.  
Tem 2 cadeiras d'ensino primario.  
Foi villa e tem foral dado por D. Manuel  
em 15 de Agosto de 1514. Ti-  
nha brazão d'armas — *Em escudo  
branco, Nossa Senhora da Conceição  
sobre a porta d'um castello com uma  
torre de cada lado.* — Era dos Condes  
de Villa Verde, depois Marquezes d'Angeja.

Em 21 de Janeiro de 1714 fez el-  
rei D. João 5.º mercê do titulo de  
Marquez d'Angeja a D. Pedro Antonio  
de Noronha, Conde de Villa Ver-  
de, titulo, que acabou em D. João de  
Noronha Camões d'Albuquerque Souza  
Moniz, 6.º marquez, morto sem  
sucesso em 23 de junho de 1827.  
Por decreto de 24 de maio de 1870  
restaurou el-rei D. Luiz 1.º o titulo  
de marquez d'Angeja em D. Caetano  
d'Almeida e Noronha Portugal Camões  
d'Albuquerque Moniz e Souza,  
3.º Conde de Peniche e 20.º Senhor  
de Villa Verde.

O brasão da antiga casa d'Angeja,  
era: — *Uma lisonja partida em pala,  
e esta esquartellada. No 1.º quartel,*

*as armas reaes de Portugal com filete  
negro em contra banda; no 2.º, man-  
tellado de prata, as armas reaes de  
Castella, dois leões de purpura bata-  
lhantes, e uma bordadura de ouro e  
veiros azues, e assim os contrarios.*  
Ainda existe, já muito arruinado o  
grande e magestoso palacio do Mar-  
quez d'Angeja com seu brasão d'ar-  
mas e suas pertencas, junto á ou-  
tr'ora praça municipal. Na mesma  
praça existe o antigo polourinho.

Foi cabeça do antigo concelho do  
seu nome com juiz de fóra, e este  
com alçada nas outr'ora Villa do Pi-  
nheiro da Bemposta, e na Villa do  
Pinheiro, hoje lugar pertencente á  
freguezia de S. João de Loure. Por  
decreto de 17 de julho de 1836, foi  
creado o julgado com juiz ordinario  
em Angeja, composto d'esta freguezia  
e das de Frossos, Ferrelã e Canellas,  
fazendo parte da comarca de  
Agneda. Por decreto de 24 de outu-  
bro de 1855 foi extinto o julgado  
d'Angeja, ficando esta freguezia e a  
de Frossos, a fazer parte do julgado  
de Albergaria Velha. E por decreto  
de 23 de dezembro de 1875 deixou  
Angeja de fazer parte do julgado de  
Albergaria, e passou da comarca de  
Agneda para a d'Aveiro.

A povoação está muito bem situa-  
da; é muito saudavel, entre os seus  
edificios construidos todos de pedra  
e cal (e não de tijolos, como diz o  
snr. Pinheiro Chagas, no seu dicio-  
nario), muitos ha sobradados, bellos  
e a maior parte de todos eiles caia-  
dos de branco por dentro e por fó-  
ra. Os seus campos, banhados pelas  
aguas do Vouga, são extensos, retal-  
lhados com vallas d'egoto, e por isso  
sem pantano algum, e bem longe  
de prejudiciaes, favoraveis á hygie-  
ne publica.

Nas aguas, sempre limpidas e  
correntes, das suas vallas, grotas e  
rios não sómente roubacos, como  
diz o snr. Pinheiro Chagas no seu  
citado dicionario, ha tambem trutas,  
tainhas, lampreias, sabeis, enguias,  
barbos, sólhas, pimpões em tanta  
abundancia, que muitos dos pesqui-  
tas da Murtosa ahí exercem n'uma  
grande parte do anno a sua profis-  
são.

A ponte da via ferrea do norte e  
a de Madeira na estrada a macclame  
d'Aveiro a Vizeu, ambas sobre o  
Vouga, estão nos limites d'ella.

A sua povoação é atravessada por  
aquella estrada d'Aveiro a Vizeu de  
nascente a poente, e pela districtal  
que liga Ovar, Estarreja e Agneda,  
de norte a sul, pelas suas ruas mais  
notaveis, cruzando ambos perto da  
Egreja matriz, no local mais central  
da mesma povoação.

Vê-se, pois, que tem Angeja bel-  
lissimos passeios para os quatro  
ventos: entre elles merece especial  
menção o tunnel pela verdura dos ala-  
mos, eucaliptos, salgueiros, tamar-  
gueiras e outros variados arbustos  
na estrada d'Aveiro a Vizeu, na mar-  
gem direita do Vouga, desde a pon-  
te mencionada, até perto da outr'ora  
praça municipal, na extensão de 3  
kilometros aproximadamente: tão noto-

ria é a belleza, a amenidade e en-  
cantos d'este tunnel, que muitas pes-  
soas não só das principaes cidades  
do paiz, mas até estrangeiros, o tem  
vindo expressamente ver e exami-  
nar, não regateando os justos e me-  
recidos gavos: para os filhos d'esta  
terra é um lugar o mais aprasivel de  
recreio e delicias na estação calmo-  
sa; para viajantes um refrigerio e  
para os povos das freguezias visi-  
nhas um motivo d'inveja.

Tem o seu mercado mensal no  
dia 26: assás notorio pelas importan-  
tes transações nos gados suino e va-  
cum, que ali concorrem em grande  
numero dos concelhos d'Ilhavo, Avei-  
ro, Agneda, Albergaria, Estarreja,  
Oliveira d'Azemeis, e Ovar.

Tem uma fabrica da chamada  
Louça d'Ovar, que exporta os seus  
artigos para muitos pontos do paiz  
não só pelas já mencionadas estradas,  
mas e principalmente, pelo rio  
Vouga.

Tem na estação propria um abun-  
dante deposito de sal importado pe-  
lo rio Vouga, d'onde se abastecem  
as freguezias do concelho d'Alber-  
garia ao Nascente d'Angeja.

Tem botica muito bem fornecida,  
com seu pharmaceutico legalmente  
habilitado, consciencioso e attencio-  
so.

Tem lojas de commercio, onde  
se encontram os artigos mais neces-  
sarios ao uso domestico: tem depo-  
sito de louça portuense, e tem praça  
de pão, frutas e hortaliças nos dias  
santificados.

Tem finalmente tres elevados,  
bellos e encantadores pontos de vis-  
ta — O Calvario ao sul da povoação  
onde se faz o mercado dos 26, liga-  
do por uma estrada macmadisada á  
d'Aveiro a Vizeu na extensão de 2 he-  
ctometros approximadamente. — O  
denominado Boa-Vista, ao Nascente  
e ainda dentro da povoação. — E o  
denominado da Affiteira, ambos na  
estrada d'Aveiro a Vizeu, e este dis-  
tante d'aquelle, um kilometro. De  
qualquer d'estes tres locais, se avista-  
tam por um modo tão encantador  
como surprehendente, o oceano atlân-  
tico com seu littoral e a bem notoria  
bacia d'agua ao nascente d'este, des-  
de a barra d'Aveiro até Ovar, e  
os verdejantes e extensos campos  
das freguezias da Vera Cruz, Es-  
gueira, Cacia, e Eixo no concelho  
d'Aveiro; S. João de Loure, Fros-  
sos, e Angeja, no d'Albergaria; Fer-  
relã, Canellas, Sulren, Murtosa,  
Velos e Estarreja no concelho d'este  
nome. Note-se que a arêa da fre-  
guezia d'Angeja está situada e con-  
fina com a das mencionadas freguezias.  
E que Angeja além da sua ma-  
triz tem capellas publicas e oratorios  
particulares.

N. e S.

## O escriptor Francisco Travassos Valdez

A pretensão que o nosso collega  
e antigo escriptor publico, Franci-  
co Travassos Valdez, submetteu á  
aprovação da camara dos dignos de-  
putados, merece ser resolvida satis-  
factoriamente, e nós assim o espe-  
ramos da parte dos illustres depu-  
tados, concedendo o seu *veredictum*  
em favor d'um homem que se arrui-  
nou em serviços publicos, longe do  
berço que o embalou.

A sua pretensão, funda-se, além  
de muitos outros feitos de elevado  
patriotismo, no seguinte:

« A libertação, para que concor-  
reu, d'um palhabote portuguez, apre-  
sado, como tantos outros navios,  
pelos cruzadores britannicos, contra  
o direito das gentes, contra os direi-  
tos da corôa portugueza e com a  
mais manifesta contravenção do tra-  
tado entre Portugal e a Grã-Bretanha  
para acabar com o nefando commer-  
cio em *carne humana*.

Nos elogios, que lhe fez o governa-  
dor geral da provincia d'Angola, ao  
conceder a exoneração, que o sup-  
plicante pedira, da administração  
do correio central, por achar-se se-  
riamente atacado das febres proprias  
do paiz.

A melhor prova de tudo isso  
encontra-se em alguns numeros do  
*Boletim Official*, publicado, em Loanda,  
nos annos de 1852 e 1853.

Peiorando de saude, o supplican-  
te obteve depois licença para vir  
tratar-se na patria.

E, em 1857, passou a servir (ain-  
da como arbitro) na commissão mix-  
ta britannica e portugueza do Cabo  
da Boa-Esperança.

Na secretaria d'estado dos nego-  
cios estrangerias devem existir mu-  
ltos documentos, que mostram, irre-  
futavelmente, como o supplicante  
conseguiu, embora com grande cus-  
to, salvar mais dous navios portu-  
guezes, das garras dos aprezadores  
inglezes, os quaes, como de ordina-  
rio, haviam abusado completamente  
do que determina o tratado, contra  
a escravatura, celebrado entre Por-  
tugal e a Grã-Bretanha!

Com effeito, não satisfeitos, os  
capteros britannicos, com o apres-  
arem injustamente aquellas embarca-  
ções, incendiaram e afundiram ou-  
tras, em que tremulava a bandeira  
portugueza, nas aguas mesmo de Mo-  
çambique!

Além d'isso, roubaram, ou deixa-  
ram roubar, não só os carregamen-  
tos, mas até os proprios tripulantes  
e passageiros, e — o que é mais hor-  
rivel ainda — desembarcaram aquelles  
miseros compatriotas nossos,  
sem recursos alguns, em terras des-  
conhecidas, insalubres e habitadas  
por selvagens!

Demais a mais, deviam os apre-  
sadores, segundo positivamente o  
determinava o alludido tratado, apre-  
sentar todos aquelles navios e todos  
aquelles homens, para serem julga-

dos pelo tribunal da commissão mixta britannica e portugueza, no Cabo da Boa-Esperança, perante a qual aliás, pelo contrario, procuravam, assim, cavilosa e barbaramente, tanto esses captivos inglezes, como os proprios juizes, seus compatriotas, fazer condemnar, a todo transe, os unicos dous navios e os unicos homens que aprouve aos nossos mais antigos e fieis alliados levar até á cidade do Cabo.

Ora, uma vez verificada a *condemnação*, que tanto desejavam, das suas referidas embarcações portuguezas, os seus donos, os carregadores, os seguradores, os tripulantes e os passageiros das mesmas, perderiam, *ipso facto*, não só a LIBERDADE, para sempre, mas tambem a PROPRIEDADE, revertendo esta a favor dos apresadores, apoiados pelos membros britannicos da commissão mixta!

Oppondo-se, sempre, como lhe cumpria, o honrado commissario portuguez, visconde de Duprat (que falleceu ha poucos mezes, em Londres, onde era consul geral de Portugal) aos desesperados esforços e ás opiniões e resoluções capciosas do commissario britannico, foi o supplicante, na conformidade do tratado entre Portugal e a Grã-Bretanha, eleito *arbitro de desempate*, ficando, assim, pois, felizmente, por maioria de votos dos respectivos juizes d'aquelle tribunal, *sem appellação, nem aggravado*, CONDEMNADOS, por fim, os barcos e desleaes apresadores inglezes a pagar uma avultada e justa indemnisação, aos apresados, por perdas e danos, que soffreram.

E, realmente, foi tão extraordinario, illegal e parcial o comportamento dos membros britannicos da commissão mixta no Cabo da Boa-Esperança, como se vê dos respectivos autos d'aquelles processos, que tanto o commissario portuguez, como o supplicante na sua qualidade d'arbitro, por parte de Portugal, foram, repetidas vezes, forçados a estranhar, e até a estigmatizar, semelhante procedimento, protestando energicamente e fazendo as devidas reclamações aos governos das duas altas partes contractantes, aos quaes enviaram *copias authenticas* de tudo.

Desgraçadamente, sendo assaz diminuto o ordenado do supplicante, demais a mais soffrendo descontos pelos adiantamentos, que havia recebido, conforme a lei, e, por outro lado, achando-se sobrecarregado de familia, viu-se impossibilitado de poder fazer face, na alta posição official que desempenhava, á, bem-sabida, geral carestia immensa, de tudo, n'aquella colonia ingleza, onde, em verdade, ao passo que o supplicante era onerado com o pagamento de *tres decimas*, ao thesouro de Portugal, foram, por tres vezes, consecutivamente, augmentados, pelo governo britannico, os ordenados — já bastante elevados — dos seus servidores!

Envidou-se, por conseguinte, o supplicante, o que, pela legislação ingleza, o expunha a poder ser preso. Para evitar tamanha vergonha a si proprio, e, não sabe se diga, tambem á nação, que representava, pediu licença ao governo portuguez para sair do Cabo da Boa-Esperança, desejoso o supplicante de vir a Portugal requerer outro emprego mais conveniente e, como não recebesse a licença pedida, teve de retirar-se d'aquella colonia ingleza. . . .

Em face do exposto, que resumidamente trasladamos do requerimento, é um dever da parte do nosso governo galardoador condignamente um

cidadão prestante, como o sr. Valdez, aproveitando o ensejo que agora elle mesmo offerece, attendendo á sua tão justa reclamação.

Não podemos esperar outra cousa do inclito governo que felizmente occupa as cadeiras do poder; e, por isso, cremos poder affirmar áquelle ex-funcionario, que hoje prova a injustiça do que ha annos está soffrendo, será attendido, cujo exemplo se torna necessario para animar outros funcionarios que em proveito do paiz e da honra nacional se vão expor em regiões longinquoas, com perigo de saude e quasi sempre mal recompensados.

S.

NOTICIARIO

**PREVENÇÃO.**—Por motivo justificado, do numero immediato em diante o nosso jornal passa a chamar-se «GAZETA D'ANGEJA».

Esperamos continuar a receber a coadjuvação dos nossos bondosos assignantes, e da nossa parte envidaremos todos os esforços para corresponder-lhes.

**Missa nova.**— Domingo ultimo celebrou pela primeira vez missa em Cacia, o nosso amigo, sr. padre Jacintho Nunes Freire.

Ao jantar offerecido a amigos de sua familia, assistiram varias pessoas das mais importantes d'Aveiro.

Ao nosso amigo e sua familia, as nossas cordeas felicitações.

**Imperador do Brazil.**— Sua Magestade deve chegar á manhã, a Lisboa, a bordo do vapor *Gironde*.

O illustre monarcha viaja incognito.

São camaristas do imperador, os viscondes de Carapebus.

**Regresso.**—Brevemente regressa á capital o sr. conde de Casal Ribeiro, ministro de Portugal em Madrid.

**Chegada.**— Chegaram a Lisboa vindos da ilha de S. Miguel, os snrs. condes da Silva e dr. João de Andrade Albuquerque. S. ex.<sup>ta</sup> vem assistir ao casamento do seu proximo parente o sr. Duarte Borges da Camara Medeiros (Praia) com a sr.<sup>a</sup> marquesa do Fayal.

**Partida.**—Parte ámanhã, no paquete *La Plata*, para o Rio de Janeiro, o nobre conde de S. Salvador de Mattosinhos.

**Fallecimento.**— Falleceu em Ponta Delgada, o conhecido naturalista, Francisco da Arruda Furtado.

Tanto em Portugal como no estrangeiro, foram apreciadissimos os seus estudos de conchiologia açoriana e as suas notaveis investigações sobre a origem dos primeiros povoadores da ilha de S. Miguel.

Foi elle que, nos Açores, levantou pela primeira vez a questão da descendencia do homem, segundo a applicação da theoria de Carlos Darwin, que algumas vezes o honrou, com animadoras palavras, como ainda ultimamente, o sabio dr. Gustavo Le Bon.

**Cardoso Avelino.**—Partiu antehontem para a capital o sr. conselheiro Antonio Cardoso Avelino, procurador geral da coroa e da fazenda, recebendo na «gare» de Campanhã as despedidas dos snrs. dr. Augusto Maria de Castro, procurador regio

e seu secretario sr. dr. Ferreira Augusto; dr. Antonio Augusto de Sá Varilla, secretario interino da procuradoria regia; juizes da Relação; drs. Castro Sola, Pimentel Baptista e Marques da Paixão, dr. Cardoso Machado, secretario do mesmo, dr. Silva Lima, juiz do 1.<sup>o</sup> districto criminal; delegados da 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> vara, drs. Oliveira Guimarães e Paçó Vieira; commissario geral de policia, dr. Adriano Acacio de Moraes Carvalho; dr. Luciano Simões de Carvalho, conservador do 2.<sup>o</sup> districto; Augusto Luciano Simões de Carvalho, engenheiro director da construcção do caminho de ferro do Minho e Douro, Augusto Cesar Justino Teixeira, engenheiro director da exploração dos mesmos caminhos de ferro; dr. Antonio Cardoso e Silva, juiz do tribunal administrativo de Faro; dr. Pereira Moitas, dr. José Moreira da Fonseca, Sebastião Correia da Costa, director interino das cadeias da Relação e Manoel Vieira de Andrade, director da Companhia Utilidade Domestica.

**Novos candieiros.**—Corre como certo, que a companhia d'illuminação a gaz belga, que contractou o fornecimento do gaz do municipio de Lisboa em condições muito favoraveis, vai substituir os candieiros das ruas por outros mais luxuosos, sem indemnisação alguma.

A companhia do gaz do Porto, que lance os olhos para esta sua collega, saindo da apathia em que de ha muito se encontra, fornecendo o gaz a preços elevados, e, recebendo ainda para corôar a obra o aluguer dos contadores?

**Noticias d'Aveiro.**—Corre que a carne de vaca vaie descer 40 reis em kilo n'esta cidade.

Hontem á noite, dois maraus, que horas antes tinham dado entrada na cadeia desta cidade, lançaram fogo ás enxergas, que foi promptamente apagado pelo carcereiro, um empregado da camara e soldados da guarda.

Na quinta-feira de manhã partiu para Anadia uma força de cavalaria 10 a acompanhar 5 presos, que se achavam detidos na cadeia desta cidade pelo crime de furto.

O mar, o grande elemento, ainda se não fez bravo, continuando por isso a permitir o trabalho. A pesca porém, nestes ultimos dias tem sido menos abundante, sendo os lanços de menos valor — tambem porque a pesca nos tem sido sardinha extreme contendo quasi sempre chicharro miúdo. Os preços porém continuam a ser baratissimos, o que é um bem para os pobres — que agora se não podem queixar da careza das alimentações, pois que todas correm por preços baixissimos.

**Rubrica d'um auto.**—Diz um nosso collega, que havia em Peniche um juiz ordinario, que se chamava João Manoel Guisado, um escrivão João da Costa Bello, e um sub-delegado Fulano de tal Coelho.

N'um auto, que os tres tiveram de rubricar, sahio o seguinte: *Bello coelho guisado*.

Muito melhor de certo, do que a estopada do auto!

**Romaria do S. Bento das Pêras.**— Foi extraordinariamente concorrida a romaria do S. Bento das Pêras, a uma legua do Porto, na linha do Minho.

De Campanhã em comboios successivos, partiram 7:018 romeiros.

Calcule-se quantos iriam d'outras estações das linhas do Minho e Douro e a pé, e ter-se-ha feito ideia da enorme multidão que ali se agglomerou n'aquella risonha aldeia.

Deu-se lá bordoadas por uma pá velha; como não havia força armada, nem o regedor comparsessem nem

arregimentasse os seus cabos, durante mais de uma hora estrugiram os varapaus no ar, em uma baralha tremenda.

Um individuo, á falta de melhor tirou uma muleta a uma pobre e desancou emquanto não partiu o pau!

Os gatunos fizeram maravilhosa colheita.

O serviço dos comboios foi regularissimo.

**Profecias d'um louco.**— Não vem fóra de proposito, estando o espirito publico tão sobresaltado com a decisão do jury do julgamento do alferes assassino Marinho da Cruz, a recordação do seguinte processo celebre, julgado ha 20 annos em Munich em que interviram os alienistas mais celebres d'essa epoca.

O réu era o conde Chorinski, accusado de ter envenenado sua esposa.

No decurso dos debates forenses os mais illustres alienistas da Allemanha affirmaram recondadamente que Chorinski não estava louco e que era por consequencia responsavel perante a lei do crime que se lhe imputava.

Só o dr. Morel, director do Asylo de Saint Von, em Rouen, sustentava que o conde estava doido.

Irritado com as affirmativas do medico francez o presidente do tribunal disse-lhe bruscamente:

— Até agora, pelo menos, o conde não deu o menor signal de alienação. Em que é que funda, pois, o seu prognostico?

Antes de responder o medico interpellado, pediu para ser retirado da sala do réu.

Feito isso accrescentou:

— Chorinsky commetten os actos de que o accusais sob a influencia de preocupações resultantes do seu estado morbido. Este estado póde permittir-lhe alguns momentos de lucidez, mas está em caminho de uma catastrophe que se precipitara, sendo condemnado, como tencio-naes, a longos annos de carcere. Morrerá d'um acesso de loucura furiosa, antes d'um anno. Vejo nos seus labios, sr. presidente, um sorriso de incredulidade. Pois ficai sabendo que ninguem é senhor das suas faculdades mentaes.

Eu que, vos eslov fallando, calculei que a atmosfera do hospital de que sou director me afeta tanto, que morrerei doido irremediavelmente, antes de trez annos. O meu adversario e cottega de Berlim que nega que Chorinsky tinha já em embrião a loucura furiosa morrerá tambem d'um acesso de furia al'um tempo antes de mim. E vós, sr. Presidente, tambem adquiristeis no largo periodo d'estes debates sobre a loucura o germen d'um mal que não quereis reconhecer no mundo.

Depois d'esta exposição, juizes e jurados ficaram convencidos de que no tribunal havia realmente um doido, mas que esse infeliz era o medico do hospital de Saint-Yon.

Chorinsky foi condemnado e encarcerado em Iglstadt, onde um anno depois, em um ataque de loucura furiosa, despedaçou a cabeça contra as paredes do carcere.

Alguns mezes depois, o presidente do tribunal de Munich n'um acesso de febre, despenhou-se duma janella do predio em que vivia e despedaçou o craneo nas pedras da rua.

O dr. Lindmann, de Berlim, adversario de Morel nesse processo celebre, enforcou-se na casa de saude de que era director. E por ultimo, em 1870, o dr. Morel, extraordinaria e terrivelmente impressionado com os desastres da França, endoideceu e em poucos dias fallecia victima do ataque que tinha previsto e annunciado. As profecias do louco todas se cumpriram á letra.

SECÇÃO LITTERARIA

A UMAS MÃOS PEQUENINAS

Nem as pontas das espadas,  
nem as temíveis clavinas,  
abrem chagas mais rasgadas,  
do que vós—mãos pequeninas.

Ó mãos terríveis, suaves,  
como mãos d'imperatrizes,  
se sois brancas como as aves,  
tambem fazeis cicatrizes!

Porque é que as mãos dos tyrannos,  
cheias de sangue e assassinas,  
não me causam tantos damnos,  
como vós—mãos pequeninas?

Sois vós, ó mãos cõr de prata,  
ó mãos da minha loucura!  
que abris a chaga que mata  
a chaga que não tem cura!

Como as da lady Macbeth  
terríveis, brancas, ferinas,  
sois cruéis como estylete,  
sois como ellas pequeninas!

Sois brancas como as espumas,  
regias como as das rainhas,  
sois macias como as plumas  
do peito das andorinhas.

Sois macias e suaves  
como o conchego dos ninhos,  
como as cabeças das aves,  
e as pennas dos passarinhos.

Ah! Já que tendes a prova  
de que sois luciferinas,  
—trazei-me cravos á cova,  
ó brancas mãos pequeninas!

Lisboa, junho, 1882.

Gomes Leal.

ROLINDA

I

Rolinda tinha dezaseis annos.  
Alegre como a alvorada, formosa  
como a rosa do parque, era o enlevo  
da sua querida mãe, a quem  
adorava muitissimo.

E qual é o ente que não adora  
sua mãe? — quem ha que a não  
ame?!

Eu creio que o coração mais fe-  
rino, mais depravado, hade amar sua  
mãe, hade sentir por ella um amor  
sincero, um respeito profundo...

Rolinda era encantadora!  
Sorria-lhe o céu nos labios; ca-  
bellos louros eram laços d'ouro que  
ondeavam á mercê do vento.

No rosto — rosas que desmaiam  
em lyrios, na bocca—um riso suave e  
perfumado.

Alguem que a visse doidejar  
como uma creança travessa pelas  
luxuriantes varzeas da minha aldeia,  
innocente, risonha, fresca, cheia de  
vida, havia de sympathisar com  
ella.

Os rapazes do logar fitavam-n'a  
constantemente e todos morriam  
d'amores por ella.

Mas Rolinda amava só um d'el-  
les; para Carlos tinha um olhar  
mais expressivo, mais demorado,  
um sorriso mais alegre, e Carlos vi-  
via feliz, possuindo o amor da don-  
zella.

Amavam-se muito, passavam ho-  
ras bem ditosas.

A felicidade, porém, nem sem-  
pre dura, e Carlos, com bastante  
pezar, disse-lhe um dia, que tinha  
de ir sentar praça.

Separar-se d'ella, e Deus sabe se  
para sempre.

Que desventura!  
Verteram-se muitas lagrimas, fi-  
zeram-se muitos juramentos.

Carlos desejava deixar-lhe uma  
prenda, por isso offereceu-lhe um  
annel.

Queria tambem levar comsigo  
uma lembrança d'ella, contentava-se  
com uma trança dos seus formosos  
cabellos.

—Isso é insignificante, respondeu  
Rolinda.

—E' de muito valor para mim,  
atalhou Carlos. — Nunca me hade  
separar d'ella, hade acompanhar-me  
sempre, sempre...

II

Carlos partiu.

Rolinda ficou tristissima. Sentiu-  
se angustiada pela partida do seu  
Carlos.

De mais a mais ia ser soldado!  
Quem sabe se elle por lá a es-  
queceria!

A mãe fallava-lhe em Carlos, con-  
solava-a, gostava muito d'elle para  
esposo da filha.

—Não vale a pena chorar tanto,  
dizia a mãe, Carlos é bom rapaz,  
hade amar-te sempre. Além d'estas  
palavras animadoras, Rolinda rece-  
bia amudadas cartas de Carlos, e  
em todas fallava da trança. Estima-  
va-a muito, tinha-a muito bem guar-  
dada.

III

As horas a Rolinda pareciam se-  
culos; Carlos estava a terminar a  
vida militar.

O dia da sua chegada nunca terá  
de esquecer a Rolinda.

Era ao cair da tarde. Não havia  
um talho de terra em Telhado que  
não estivesse coberto de relva e de  
flores. Madresilvas pelos vallados, a  
murta florida, a rosa agreste pelos  
prados, exhalavam uns aromas deli-  
ciosos.

Rolinda contemplava um regato  
que lhe recordava as horas felizes  
que juncto de Carlos alli tinha-pas-  
sado.

A campina lembrava-lhe o lindo  
ramilhete que lá cortara para offere-  
cer ao seu amante na occasião em  
que elle partiu para Braga sentar  
praça.

As auras que suspiravam doce-  
mente pareciam trazer-lhe saudades  
d'elle.

De repente ouve-se uma voz, cha-  
mando:

—Rolinda, Rolinda!  
Era Carlos.

IV

Não perturbemos a sua alegria.  
Depois de trez annos de ausen-  
cia, o leitor deve imaginar o que se  
passou n'aquelle momento...

Um mez depois, Carlos e Rolinda  
uniam-se pelos laços matrimoniaes.  
Que dia tão feliz para os noivos!

"Melhor é experimental-o que julga-o,  
Mas julgue-o quem não pôde experimental-o."

Março, 1885.

A. Leão Martins.

JANEIRO

Quando do nordeste frio,  
—bato que o Pólo soprou,  
• primeiro calafrio  
passou

Sobre os membros inquietos,  
dos troncos, nus esqueletos,  
• sobre os espelhos vagos  
dos lagos,

Trémulo, através do azul,  
• evolou-se o plumão branco,  
buscando o tepido sul  
buscando

um agasalho, um abrigo  
centra o feroz inimigo,

irmão da Morte e do Inferno  
—o Inverno.

O triste povo emigrante  
seguiu seu longo caminho.  
Fica-lhe já bem distante  
o ninho.

Do céu occulto entre brumas,  
em milhões de finas plumas,  
cae, sem cessar, branca e leve,  
a Neve.

Ai, pobresitos! A noite  
envolve o espaço alvacoito.  
Ouve-se estalar o açoite  
do vento.

Em breve, exaustos, gelados,  
uns tombam no chão prostrados,  
hirtos sob a neve atroz,  
sem voz

Nunca mais verão as flores  
dos doces sitios nataes!  
Jamais gorgelos e amores!  
Jámais!

Outros procuram guarida  
sob a rama cascomida  
d'alguns troncos despojados.  
Coitados!

Onde estão doces cantores  
as vossas canções d'outrora?  
Pobres gentis trovadores  
da aurora!

Na treva implacavel, densa,  
cheios d'uma angustia immensa,  
ouvem-se só uns sentidos  
gemidos;

em quanto em flocos d'espuma,  
sinistramente se espalha  
a neve mais alva que uma  
mortalha.

Jayme de Seguir.

NO ALBUM

(Da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Camilla Ribeiro da Silva)

Votre vertu favorite?—La loyauté.  
Vos qualités favorites chez l'hom-  
me?—La franchise.

Vos qualités favorites chez la fem-  
me? — La timidité.

Votre occupation favorite? — Le  
travail libre aux champs.

Le trait principal de votre cara-  
ctère?—Le peu de retenue dans l'in-  
dignation.

Votre idée du bonheur?—Le bon-  
heur est une ombre qu'on poursuit  
à tâtons dans les profondeurs de  
l'avenir.

Votre idée du malheur?—Je pen-  
se que c'est n'avoir point la force et  
le bon sens d'accepter la réalité de  
la vie.

Votre couleur et votre fleur favo-  
rites?—Toutes les couleurs et toutes  
les fleurs sont belles. Ce qu'il faut  
à celles-là c'est d'être bien assorties:  
ce qu'il faut à celles-ci c'est la ro-  
sée du matin.

Si vous n'étiez pas vous que vou-  
driez-vous être?—Je connais un peu  
l'histoire des hommes célèbres, mais  
j'ignore ce qu'ils ont souffert e ce  
dont ils ont joui, sous son masque,  
dans le théâtre du monde. Je crain-  
drai de faire quelque grosse sottise  
en choisissant pour ce pauvre moi  
une enveloppe autre que la mienne.

Où préféreriez-vous vivre? — Où je  
suis.

Vos auteurs favoris en prose? —  
Ceux qui m'apprennent quelque cho-  
se qui j'ignorais avant de les avoir  
lus.

Vos poètes favoris? — Hélas! je  
ne lis plus les poètes.

Vos peintres et compositeurs favo-  
ris?—Dieu, qui a composé les ta-  
bleaux du lever et du coucher du  
soleil dans ce pays de collines, peu-  
plé d'arbres clairsemés, est aujour-  
d'hui mon peintre: le rossignol qui  
chante au clair de la lune, par une

nuit de printemps, perché sur le  
peuplier gémissant, et penché sur  
le ruisseau qui murmure, est mon  
seul musicien. J'ai, cependant, aimé  
bien Martin, peintre de l'espace, et  
Bellini, qu'on disait un compositeur  
peu savant.

Vos héros favoris dans la vie  
réelle (l'Histoire)? — Je n'aime pas  
les héros.

Vos heroines favorites dans la vie  
réelle (l'Histoire)? — Ne les heroi-  
nes non plus.

Vos héros favoris dans les ro-  
mans ou la fable?

Vos heroines favorites dans les  
romans ou la fable? Dans les romans,  
les héros et les heroines me plai-  
sent quand il y a du terrible e du  
profond dans les caractères. Ce sont  
des cauchemars écrits au lieu des  
cauchemars rêves. Se cauchemars  
donne quelque fois ce que j'appelle  
le plaisir de l'horreur, ce qui a pour  
moi de l'attrait.

Votre nourriture et votre boisson  
favorites — Les beefstecks, de l'eau  
rougie et des fruits.

Vos noms favoris? — En général  
tous me sont égnax. J'ai cependant  
un préjugé. Il y a des noms, que,  
par une espèce de prévoyance ins-  
tinctive, ou impose qu'a des sots.

L'object de votre plus grande  
aversion?—Parmi les hommes, l'hy-  
pocrite: parmi les animaux, le rep-  
tile. Tout cela est visqueux.

Quels caractères detestez-vous le  
plus dans l'histoire?—Les tyrans. Je  
crois, cependant, que je deteste un  
peu plus les faux amis du peuple.

Quelle est votre situation d'es-  
prit actuelle?—C'est trop long pour  
une ou deux lignes.

Pour quelle faute avez-vous le  
plus d'indulgence?—Pour les facetes  
de grammaire dans les pays ou il  
n'y a ni assez d'écoles, ni de bonnes  
écoles.

Quelle est votre devise favorite?  
—Pent qui veut. Tout le monde de-  
sire: seuls les grands caractères  
veulent.

Val de Lobos, le 28 novembre 1871.

Un campagnard de la baulieux de  
Santarem.

(Alexandre Herculanio).

MIMI

Escrevia-se a minh'alma se á tardinha  
Na janella diviso essa innocente;  
Que nunca vi olhar mais transparente,  
Nem figura gentil como a visinha!

Desce ás vezes a timida avezinha  
Ao seu jardim, e afaga docemente  
Da Cochinchina um gallo refulgente,  
Que em seu regaço languido se aninha.

Ageita, ao ver-me, o seu vestido curto,  
E, as louras tranças concertando a furto,  
Fita os olhos no azul toda tristeza.

E n'esse tempo acode-me á lembrança  
O já ter visto assim uma creança  
N'uma gravura ideal da eschola ingleza.

Gonçalves Crespo.

No album da Señorita Aurora de...

AURORA

Vaes deixar-nos, anoutece;  
mas até que voltas, hade  
triste o luar da saudade  
gerner: «Aurora amanhece».

Eu, por mim, Aurora, quando  
despontas á minha vista,  
chego a crer que tenho crista,  
e bato as azas cantando.

Espinho, setembro, 1880.

Fernando Caldeira.

## A lagrima

A MINHA FILHA SILVINA

A lagrima é a prece emmudecida  
Que o coração envia aos olhos pulchros,  
A lagrima vigora nos sepulchros  
A haste da saudade emmurchecida.

A lagrima consola a ardente magoa  
Que o peito cruelmente nos opprime,  
A lagrima é o balsamo do crime,  
Uma formosa estrella feita d'agoa.

A lagrima é um bem que nos consola,  
A lagrima é talvez, que sabe? a esmola,  
Cheia d'unção, d'amor e d'alegria

Que Deus concede ás almas desgraçadas  
Inunda, pois, meu rosto, abençoadas,  
O' lagrimas que Deus do céu me envia!

Ernesto Pires.

## TREVA E LUZ

A. M. A.

Olhei o céu silenciosamente,  
Manto d'anil, manto sublime e puro...  
E comeci a rasgar tranquillamente,  
Uma por uma as tiras do futuro...

E procurei na treva arida e fria  
Do meu futuro triste e doloroso,  
A luz immaculada d'alegria  
A espargir um raio silencioso...

Nada encontrei!... E fui rasgando mais  
Muito sombrio, sceptico e nervoso,  
E procurei nas trevas infernaes  
Do meu futuro, um ponto luminoso.

Mas de balde... Muito sombrio e escuro  
Rasguei a tira unica, cançado!!!

Vi encher-se de luz o meu futuro  
Com esse teu olhar immaculado.

Porto—1887.

Vidal Oudinot.

## TRIOLETS

VII

Tão airoso, deslumbrante  
O teu porte, tão gentil,  
O teu olhar scintillante,  
Tão airoso, deslumbrante  
Como uma noite d'Abril,  
Seductora, inebriante...  
Tão airoso, deslumbrante  
O teu porte, tão gentil.

## LE CHEF D'OEUVRE DE DIEU

Quand il eut tout créé : cioux clairs, oiseaux siffleurs,  
Arbres chantants, soleils rieurs, dolentes ondes,  
Quand, du bout de son doigt, il eut brodé les fleurs,  
Et du bout de son pied donné le braule aux mondes.

Dieu fit l'Homme et, voulant lui montrer l'univers,  
Prit sa chétive main dans sa main grandioze,  
Puis l'emmena par les champs blonds, par les bois verts,  
Comme un grand aieul doux menant un enfant roze.

Or l'Homme vit sandain, dans le matin joyeux,  
Des roses au calice etincelant de gauttes.  
Oh! si chères au cœur! Oh! si chères aux yeux  
Qu'on eut voulu mourir en les embrassant toutes!

«Oh! comme c'est joli! dit-il, joignant les mains  
Et, tombant à genoux, comme un enfant qui n'oze,  
L'Homme, pour s'embaumer le long des noirs chemins  
Mit ses doigts dans les fleurs et cueillit une roze.

Puis Dieu l'emmena loin, parmi les monts géants,  
Et lui montra la neige, à leurs pics fantastiques.  
Si blanche! que les yeux de dilataient, béants,  
Comme ivres de lumière et de splendeurs mystiques.

«Oh! comme c'est joli! dit l'Homme radieux.  
Et, voyant s'écrouler une grande avalanche,  
Pour s'égayer en route et se charmer les yeux,  
Il prit sur la montagne un peu de neige blanche.

VIII

Como se pode, nem sei,  
Amar-se uma virgem tanto,  
Oh anjo que idealisei,  
Como se pode, nem sei.  
É o amor tão casto e santo  
Aquella que te deliqui,  
Que não se pode, bem sei,  
Amar-se uma virgem tanto!

XIX

Oh! virgem que eu hei cantado  
Como as ternas avesinhas  
Cantam o seu bem-amado...  
Oh! virgem que eu hei cantado  
Com todas as forças minhas  
Assim n'um rude brinado  
Te tenho oh! virgem cantado  
Como as ternas avesinhas.

XX

Crês meu anjo no amor  
Que estes pobres «trioletes»  
Te revelam, minha flôr?  
Crês meu anjo no amor,  
Crês oh! virgem, não crês?  
Não queiras lançar-me á dôr...  
Crês meu anjo no amor  
D'estes pobres «trioletes»?

FIM.

Almeida Pinto.

## HORAS VAGAS

## LOGOGRIPO

(Ao sr. João Chrysostomo)

Mulher! esse sorriso d'um languido olhar 1,5,2,8,7,8,9,6,9,  
que sempre desenrola a tua virgem bocca,  
embebida-me o peito, alegre como uma ave  
quando voa no espaço, anciosa, febril, louca.

E n'este enervamento intimo de minh'alma,  
sinto-a a voar no azulchimerico dos ares,9,4,9,4,9,  
como enorme paixão melodiosa e calma  
levada pelo fogo amplo de teus olhares.

Eu bem quizera andar por lá eternamente,7,5,3  
traçando as espiraes do sonho e d'alegria!  
Mas teu coração vem rir-se doidamente,  
como um doido hydropico em feixes d'ironia...

Então, nem sei, mulher! que venha a ser o mundo,  
se olympica fornalha accessa só em dôres,  
se ideal immenso, oceanico, profundo  
banhado do luar choroso dos amores!...

Porto. Narciso d'Albuquerque.

Et puis, Dieu l'emmenant dans le ciel; tout d'un trait,  
Sui montra des vols blancs d'étoiles immortelles.  
Si douces! qu'ici bas, toujours, l'âme voudrait  
Vertigineusement prendre l'essor vers elles!

«Oh! comme c'est joli!» dit-il, les bras tendues.  
Et, pour illuminer ses nuits aux sombres voiles,  
L'Homme, enlevé sur Dieu, par grands bonds éperdus,  
Escalada le ciel et lui prit deux étoiles.

Or, comme il était las d'avoir tant cheminé,  
L'Homme qui revenait vers la terre moroze,  
S'endormait dans un pli de l'asur satiné,  
Ayant à ses côtés étoiles, neige et roze.

Et le bon Dieu voulant que l'Homme à son reveil,  
Vit en un seul object ses choses mirifiques:  
Neige aux pures blancheurs, roze à l'éclat vermeil,  
Étoiles aux rayons doux et beatifiques;

Voulant qu'il fût heureux, voulant qu'il fût joieux,  
Voulant qu'il n'eût plus rien à desirer au monde,  
Qu'il ne regretta plus les anges ni les cieux,  
Mais qu'il vécût vibrant dans l'extase profonde,

Dieu prit étoiles, neige et roze en ses doigts saints,  
Et, rêvant un chef d'oeuvre avec cet amalgame,  
Fit de la roze un front, de la neige deux seins,  
Des étoiles deux yeux, et du tout une Femme.

Jean Rameau.

## ANNUNCIOS

## FORNECIMENTO

NA secretaria da procuradoria regia junto da Relação do Porto, rua do Coronel Pacheco n.º 10, recebem-se, até ao dia 21 do próximo mez de julho, propostas para fornecimento de 100 pares de calças, 100 jaquetas e 100 camisas para homem, 50 saias, 50 jalecos de baeta e 50 camisas para mulher, para uso dos presos indigentes da cadeia da Relação do Porto, conforme os padrões existentes na secretaria da mesma cadeia, devendo metade d'estes objectos ser fornecidos dentro do prazo de 30 dias e a outra metade dentro de 60, a contar da adjudicação. Os que pretenderem fornecer estes objectos deverão dirigir as suas propostas em carta fechada ao exc.º procurador régio junto da Relação do Porto, sem designação externa do nome do fornecedor. As propostas serão abertas pelo mesmo

exc.º procurador régio, ás 12 horas da manhã d'aquelle dia, no seu gabinete na referida secretaria, e em seguida abrir-se-ha concurso publico para que os interessados possam fazer em acto de licitação, novas propostas, afim de ser adjudicado o fornecimento a quem o fizer em condições mais vantajosas.

Para ser admittido ao concurso é necessario offerer fiador idoneo, que se responsabilise pela execução do contrato no prazo acima fixado, pela exactidão na qualidade das fazendas escolhidas, perfeição na feitura dos objectos fornecidos e pela indemnisação resultante da differença que houver entre o preço da adjudicação feita e do novo contrato, a que seja mister proceder, no caso de falta de cumprimento integral d'este contrato.

Porto e secretaria da procuradoria régia, 2 de julho de 1887.

O secretario interino,  
Antonio Augusto de Sá Varella.

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C<sup>o</sup>

## UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barboi, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.  
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.  
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.  
Evangelista José da Silva, rua do Bonjardim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRYSTAL tanto de primeira como de segunda qualidade.



E' já bem conhecida a superioridade d'estes vernizes. Dá-se amostra a quem as pedir

## PREÇOS

Verniz Flattig, de 1.ª qualidade, galão, 2\$200 reis;—de 2.ª, 1\$800 reis.  
Verniz Crystal, de 1.ª qualidade, galão, 2\$200 reis;—de 2.ª, 2\$000 reis.

Desconto para revender.

IMPRESA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.